Acervo ISA

TAPEBA

"Na era de 50, naquele tempo da tribo, a gente andava um atrás do outro. Entrava mais de 50, mas era tudo um num rastro do outro. O bando só deixava um rastro. Aquilo era pescar e pegar féria (cobra). Todo tipo de animal nós pegava. Era cascavel, coral, salamanta. As pirigosa era as mais preferidas. Cada um pegava de 12, 15,20 cobras. Eu era o chefe de andar com o papai e a mamãe. Eu como era o maior, eu ia e a irmã mais velha ficava cuidando dos pequeno. A nossa comida nos mato era manipuçá (fruto do mato), pinho de cordeiro. Outra: quando a gente chegava em casa que não tinha farinha, ia tirar o miolo da carnaúba branca pra fazer farinha dela. No outro dia nós ia vender as cobra. Quando chegava, fazia aquelas compra, comprava, aí ia ajeitar com a tribo toda e partia o ordenado".

Assim Francisco Teixeira, filho do cacique Víctor, do povo **Tapeba,** lembra histórias de sua juventude. O passado de sua nação remonta à época da invasão do Ceará pelos portugueses, quando foram aldeados pelos jesuítas na Missão de Nossa Senhora dos Prazeres. Mais tarde, outros povos, como os **Kariri** e **Tremembé**, tiveram que se juntar aos **Potiguara** da missão, sendo obrigados a adotar costumes da vida ocidental.

Em 1759, com a aplicação das leis do Marquês de Pombal, a aldeia foi extinta, transformando-se em vila de Soure.

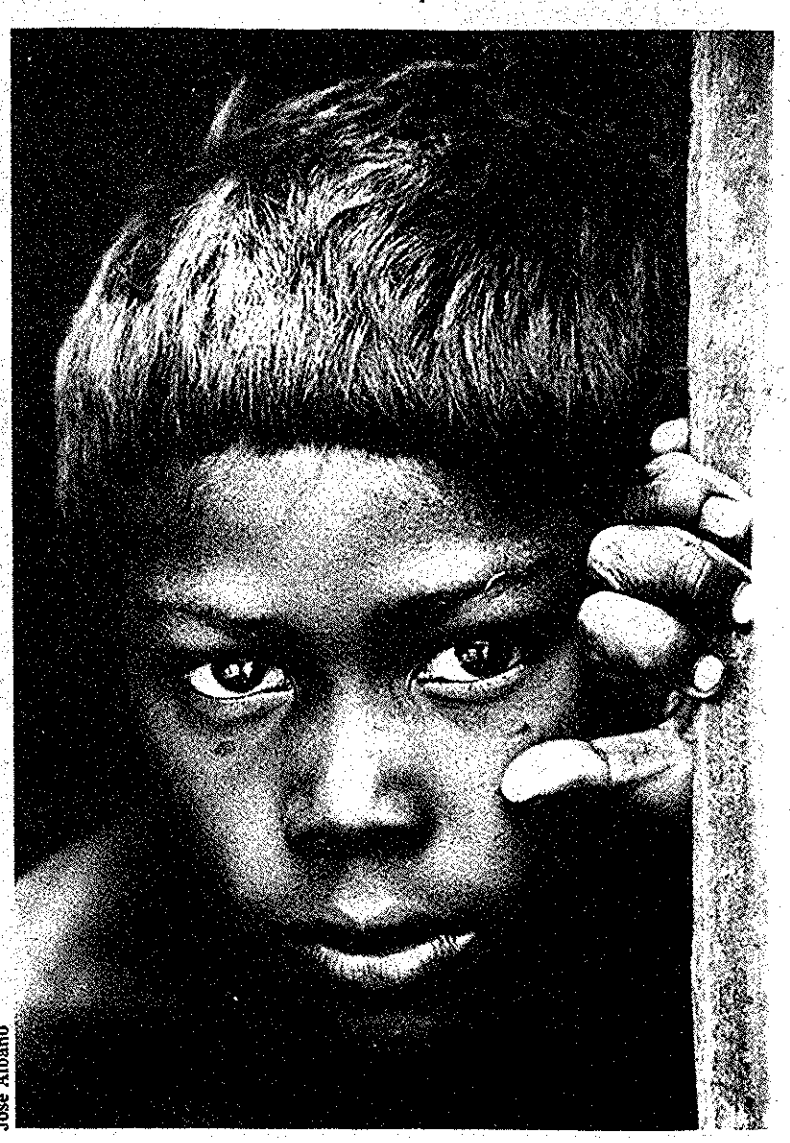
Durante mais de dois séculos estes índios que passaram a ser chamados de **Tapeba** resistiram a toda pressão, recusando-se a aceitar o estilo de vida da sociedade ocidental. Como confessou o cacique Víctor: "Custemo a entrá prus branco, se acustumá com os branco na linguagem, na comida e na amizade. Porque na comida era acustumado a cumê em quenga, em cuia ou numa folha de cuaçu".

Largados à mercê da sorte, viveram como podiam: alguns continuaram pegando peixe e carangueijo nos mangues; outros, segundo a tradição do sertão, voltaram a caçar cobras, lagartos, cassacos, ratos ou guaxinins. Outros ainda vendiam mudas de palmeiras. Os animais eram utilizados não somente para a venda, mas também para a alimentação. Isso aumentava o preconceito contra eles por parte da sociedade brasileira, que os consideravam selvagens ou sujos.

Mas a habilidade com que caçavam passarinhos sempre chamou a atenção de todos. Eram tão destros, que se criou a história de que encantavam os pássaros para pegá-los com mais facilidade, e uma vez vendidas, estas aves fugiam misteriosamente.

Por uma questão de sobrevivência muitos foram obrigados a trabalhar no corte da palha da carnaúba, na retirada da areia do rio ou até ficar nas ruas pedindo esmolas.

Hoje, os 914 **Tapeba,** apesar de dispersos em 17 comunidades, conseguiram se estruturar através da **Associação das Comunidades do Rio Ceará,** graças à Equipe Arquidiocesana de Apoio à Questão Indígena da Arquidiocese de Fortaleza. Figuras de alguns líderes históricos, como o cacique Perna de Pau ou seu filho Víctor, inspiram também a luta pela retomada dos valores étnico-culturais. (Ver pág.4 deste Suplemento).



José Albano

A primeira grande batalha foi vencida, com o reconhecimento pela Funai de suas raízes indígenas. A segunda batalha é o reconhecimento de uma área de 18.000 ha, para abrigar 900 famílias indígenas.

Frente a uma política integracionista do go verno federal que está querendo implantar ali uma "colônia agrícola", somente a união de todos os povos indígenas do Nordeste poderá garantir um futuro mais promissor não só aos **Tapeba,** mas a todas as nações que estão com seus direitos ameaçados.

Existem índios no Ceará

No ano de 1607, nós **Tapebas** fumo aldeado pelos padre jesuíta Francisco Pinto e Luiz Figueira e pelos outros colonizador português. Isso faz nós perder a liberdade de chamar peixe de **tipiquiá,** rede de **landaá,** café de **xoxó,** minino de **commuim,** colher de folha de cajueiro de **quiquê,** coco de **quenga,** fumo de **kabebó,** e daí pur diante.

Essa situação que durou até 1759, acabou com quase todos os custumes nosso, porque antes uma parteira **Tapeba** cortava o imbigo da criança com uma palheta de pau e nunca murria criança; antes nós tinha nossas maneira de dançar orando a Deus, e os jesuíta fez nós rezar o Nome do Pai e aprender a ser escravo; nós não se casava na Igreja e nem no Civil e era mais Cristão do que os colonizador e do que nós é hoje. O que mandaro prá nós no fim da conta foi pneumonia, sarampo, desprezo e assassinato por cachaça invenenada, pela escravidão e dôtas maneira.

O aldeamento de humilhação acabou em 1759, mas a humilhação continuou e nós saímos de Soure, que depois virou Caucaia, e fumo se proteger nôtas área que hoje tão formando 17 comunidade de **Tapeba** e amigos dos **Tapeba.**

A terra, que é o maior direito sagrado pra nós, foi sendo tomada de nós sempre, e nós se disorientemo quase tudo. Hoje nós vivemo em nesguinha de terra que não cabe um pé de mamão e que obriga nós se casar e ir morar nas favela de Fortaleza. E tá acontecendo, dos que se diz dono das terra, derrubar nossas **cupixá** (casas).

Nós, **Tapebas** e amigos dos **Tapeba,** tamo de mão dada, reunidos nas comunidade, lutando pela sobrevivência em cima da nossa terra, que é assim que nós vamo fortalecer nossas custumes de ser cada vez mais comunitário e verdadeiros Cristão.

Nós produzimo peixe, artesanato de palha, areia para construção e redes. Queremos produzir mais, mas pra isso nós precisa que a Reforma Agrária libere no menos 18.000 hectares de terra pra 900 família. Com essa terra que não é muita prás nossas necessidade, nós vamo produzir sal; vamo criar camarão, coelho, porco; criação de galinha comunitária, cabra e outras coisa. Nós quer produzir pra nós tudo desse País.

Nós, **Tapeba** e amigos dos **Tapeba,** temos uma Entidade, que é a Associação das Comunidades do rio Ceará, que tem a Comissão Geral formada por metade de **Tapeba** e metade de amigos dos **Tapeba.** Essa nossa Entidade de nós organizado já conseguiu, com muita luta, luz elétrica pras comunidade de Vila Nova, Ponte 1 e Ponte 2; parada de ônibus, uma escola feita com o nosso suor e também calçamento feito com nosso suor.

O que não conseguimos ainda foi fazer a Prefeitura de Caucaia cumprir a Lei nº 416, de 22 de agosto de 1985, aprovada pela Câmara por causa do nosso esforço que nós fizemo, pra conservação do mangue, rio e toda natureza que pra nós significa vida. Por isso, o lixo de Caucaia continua sendo jogado na Vila Nova, que é uma das 17 comunidades.

É a Associação das comunidades do rio Ceará que vai ficar com nossa terra no nome dela. É ela que vai cuidar do assentamento nosso nas área das nossas terra.

O INCRA já prometeu a desapropriação das nossas terra, mas pricisamo do apoio de todo brasileiro que não concorda com os colonizador que escravizaro nós, e que quérim continuar escravizando nós.

Nós, **Tapebas** e amigos dos **Tapeba,** agradece a todas as pessoas e Entidades que apoiar nós nessa nossa luta.

(Carta-Manifesto das Comunidades Tapeba do rio Ceará, com 164 assinaturas — 11-7-86).